

**MOUFFE, CHANTAL. *EN TORNO A LO POLÍTICO*.
BUENOS AIRES: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA. 2009**

**A TEORIA PÓS-MODERNA: *EN TORNO A LO
POLÍTICO* E NOVAS CONCEPÇÕES DE DEMOCRACIA**

*Bruno Vicente Lippe Pasquarelli**

Com o fim da União Soviética e o desmantelamento da esquerda, o neoliberalismo parecia reinar de modo incontestável como a ideologia dominante. Porém, nas últimas décadas, houve iniciativas dos chamados *pós-modernos* para repensar esse domínio neoliberal. E é a partir desse pressuposto que Chantal Mouffe (2009), em *En torno a lo político*, considera que a visão da democracia liberal se nega a reconhecer a dimensão antagônica constitutiva do político, criticando os defensores da forma consensual de democracia – em especial, Jürgen Habermas – e examinando as consequências da negação do antagonismo. Para Mouffe, o consenso racional colocou o pensamento democrático no caminho equivocado, pois no lugar de desenhar instituições que reconciliariam os interesses e valores em conflito, os teóricos democráticos deveriam promover a criação de uma esfera pública de luta agonista, onde se podem confrontar diferentes projetos políticos hegemônicos.

A incapacidade de perceber de modo político os problemas da sociedade é um dos grandes problemas da atualidade. E para Mouffe, tal incapacidade se deve, em grande medida, à hegemonia

* doutorando em Ciência Política pela UFSCAR; bolsista FAPESP.

do liberalismo e sua negação do antagonismo. O pensamento liberal é caracterizado pelo enfoque racional e individual, impedindo o reconhecimento da natureza das identidades coletivas.

Atualmente, existem dois paradigmas liberais principais: o *agregativo*, que concebe a política como o compromisso entre diferentes forças em conflito na sociedade; e o *deliberativo*, influenciado pelas análises de Jürgen Habermas (2003), que aspira vincular moralidade e política através da substituição da racionalidade instrumental pela comunicativa, criando no campo da política um consenso moral-racional mediante a livre discussão. Criticando o viés liberal de Habermas e influenciada pelas ideias de Schmitt (1998), Mouffe acredita que o desafio para a política democrática consiste no impedimento do surgimento do antagonismo mediante um modo diferente de estabelecer a relação nós/eles. O antagonismo não pode ser erradicado; deve ser transformado, possibilitando uma forma de oposição.

Para haver uma forma de oposição nós/eles compatível com a democracia pluralista, deve existir vínculo entre as partes em conflito, sem considerar os oponentes como inimigos a ser erradicados. Os oponentes não podem ser considerados estritamente como competidores ou se reconciliarem através da deliberação. Então, para sustentar a permanência da dimensão antagônica de conflito, deve-se considerar outra relação: o agonismo.

O agonismo estabelece uma relação nós/eles cujas partes em conflito reconhecem a legitimidade de seus oponentes, que se percebem como pertencentes à mesma associação política, compartilhando um espaço simbólico comum dentro do qual o conflito tem lugar. Por isso, o termo *adversário* é crucial para a política democrática, pois permite transformar antagonismo em agonismo. E na luta agonista o que está em jogo é a configuração das relações de poder em torno das quais se estrutura uma determinada sociedade: é uma luta entre projetos hegemônicos opostos que não podem reconciliar-se racionalmente.

De acordo com Mouffe, a maioria dos teóricos liberais se nega a admitir a dimensão antagônica da política e o papel de construção das identidades políticas. Mas uma democracia correta exige o enfrentamento entre posições democráticas legítimas, o que deve proporcionar formas de identificação coletivas. Nesse sentido, os antagonismos devem adquirir uma forma agonista, que não deve ser concebida em termos da oposição amigo/inimigo; e, se o consenso é necessário, também é essencial o dissenso.

Outro enfoque que procura eliminar a política adversarial é a teoria da modernização reflexiva de Beck (1997) e Giddens (1997). Com a globalização e os processos de individualização, as identidades coletivas foram solapadas e os partidos políticos perderam sua centralidade. A solução, então, seria a criação de fóruns cujos especialistas, políticos e cidadãos buscariam um consenso sobre os modos de estabelecer formas possíveis de cooperação mútua, e onde haveria a necessidade de uma confiança validada democraticamente através da transformação dos sistemas de especialistas em esferas públicas, nas quais os conflitos de interesse poderiam ser resolvidos mediante o diálogo público. O principal argumento de Beck e Giddens é que nas sociedades pós-tradicionais já não encontramos identidades coletivas construídas em termos de nós/eles, pois os partidos políticos perderam relevância. Por isso, o modelo adversarial de política se tornou obsoleto e descartável. E ao declarar o fim de tal modelo, o enfoque de Beck e Giddens excluiu a possibilidade do agonismo em conflitos políticos¹. No entanto, para Mouffe (2009), a noção de adversário é central para pensar a política democrática. E a diferença fundamental entre a perspectiva dialógica e a agonista é que o objetivo desta última é a profunda transformação das relações de poder existentes e o estabelecimento de uma nova

¹ Giddens (2002) vincula a tese da modernidade reflexiva à estratégia política com a política da Terceira Via, cujo objetivo é a criação de um novo estado democrático que atue em cooperação com a sociedade civil. No entanto, tal política ressalta a natureza não-conflitiva, eliminando a dimensão do antagonismo do político.

hegemonia. Sendo assim, a democracia requer a transformação das estruturas de poder existentes, distinguindo categorias de antagonismo (entre inimigos) e agonismo (entre adversários) e concebendo um consenso conflitual entre oponentes.

Uma das principais maneiras de demonstrar as consequências da não-existência de uma forma agonista de conflito é através do fortalecimento dos partidos populistas de direita e do terrorismo. Com relação ao populismo de direita, sua expansão ocorreu em circunstâncias nas quais as diferenças entre os partidos políticos tradicionais se tornaram muito menos significativas do que no passado. Como consequência da vitória do populismo de direita em alguns países europeus², a oposição nós/eles se construiu segundo as categorias morais de "bem" versus "mal". Portanto, segundo Mouffe, os antagonismos políticos estão sendo formulados em termos de categorias morais. E quando os oponentes são definidos em termos não-políticos, não podem ser concebidos como adversários, mas como inimigos. Já no plano internacional, desde 2001 houve a multiplicação dos ataques terroristas. Com a exclusão da possibilidade da participação direta e formalizada no sistema internacional, diversos indivíduos e grupos vêm recorrendo à resistência cívica. Mais uma vez, o problema se encontra na negação da dimensão do político e na ideia de que o objetivo da política é estabelecer o consenso em um único modelo, impedindo a possibilidade de dissenso legítimo.

Sendo assim, o fim da ordem mundial bipolar não conduziu a um sistema mais harmonioso, mas a explosão de novos antagonismos. E como escapar desse círculo vicioso? Para Mouffe, é necessário romper com a convicção de que as sociedades ocidentais possuem o melhor regime e que têm a missão

² Na Áustria, por exemplo, o consenso no centro se estabeleceu pouco depois da Segunda Guerra Mundial mediante a criação de uma grande coalizão entre o conservador Partido do Povo (ÖVP) e o Partido Socialista (SPÖ). E com a vitória de Jorg Haider, vários países passaram a demonizar a extrema direita austríaca.

civilizadora de universalizá-lo³. E isso somente seria possível através da criação do modelo agonista de conflito, da negação do modelo cosmopolita e em favor de uma ordem multipolar.³

O modelo cosmopolita exerceu forte influência na universalização da democracia. De acordo com Held (1995), é necessário que a democracia se torne global, através da criação de instituições internacionais – tais como o direito – inseridas em comunidades de Estados. Mas a implementação da ordem cosmopolita resulta na imposição global do modelo democrático liberal. E crer na possibilidade do cosmopolitismo com cidadãos com os mesmos direitos e obrigações é uma ilusão perigosa, pois tais pressupostos se caracterizam pela negação do político. Dessa maneira, para Mouffe, é necessário uma ordem mundial multipolar⁴.

A política democrática não deve superar a discriminação nós/eles mediante o consenso, mas consiste em ativar uma confrontação democrática, onde a noção de antagonismo desempenha um papel central. Em linhas gerais, o antagonismo é a impossibilidade da constituição objetiva e necessária de uma totalidade discursiva, pois existe a presença de um discurso antagonico que impede essa constituição plena. Portanto, o ponto

³ Novamente, Mouffe critica Habermas, que busca estabelecer a natureza racional da democracia liberal e sua validade universal, sendo que toda oposição é considerada como um símbolo de irracionalidade e atraso moral.

⁴ O modelo cosmopolita exerceu forte influência na universalização da democracia. De acordo com Held (1995), é necessário que a democracia se torne global, através da criação de instituições internacionais – tais como o direito – inseridas em comunidades de Estados. Mas a implementação da ordem cosmopolita resulta na imposição global do modelo democrático liberal. E crer na possibilidade do cosmopolitismo com cidadãos com os mesmos direitos e obrigações é uma ilusão perigosa, pois tais pressupostos se caracterizam pela negação do político. Dessa maneira, para Mouffe, é necessário uma ordem mundial multipolar.

fundamental para o entendimento da relação antagonica é que ela ocorre entre um exterior constitutivo que ameaça a existência de um interior.

O projeto político de Mouffe defende a transformação das relações antagonicas em agônicas e a superação da relação entre inimigos para uma relação entre adversários, já que as relações de poder são constituintes da política. O ponto fundamental da noção de agonismo não é a competição ou a disputa, mas a existência de regras onde os adversários lutam a partir de um ponto comum, de modo que a disputa não ocorra com a finalidade de destruir o oponente, mas pela legitimidade de um discurso em detrimento de outro.

Referências:

- BECK, U. *The Reinvention of Politics: Rethinking Modernity in the Global Social Order*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- GIDDENS, A. *Más Allá de La izquierda y La derecha*. Madrid: Cátedra, 1997.
- _____. *La tercera vía*. Madrid: Taurus, 2002.
- HABERMAS, J. 2003. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HELD, D. *Democracy and the Global Order*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- MOUFFE, C. 2009. *En torno a lo político*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- SCHMITT, C. 1998. *El concepto de lo político*. Madrid: Alianza.